

«Não há como sorrisos para captar simpatias»

S. FERREIRA

ANO V — N.º 128

AGOSTO

11

1 9 5 7

AVENÇA



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na  
TIPOGRAFIA UNIÃO  
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.  
Telefone 154 F A R O

DIRECTOR  
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
JOSE MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
GRAFICA LOULETANA  
Rua da Carreira, 42-44  
Telefone 216 LOULÉ

# Recordando

quem nunca deve ser esquecido

Pelo Dr. Aires de Lemos Tavares

EM 30 de Julho findo completou-se um ano que faleceu o Dr. José Bernardo Lopes.

A doze meses da sua morte, esbatidas as paixões e esquecidos possíveis ressentimentos, já nos é possível fazer um recto exame às qualidades daquele que em vida foi um grande médico pelo saber e pelo coração.

Verdadeiro «João Semana» da clínica dos nossos dias, protótipo do antigo médico de família, o Dr. Bernardo Lopes aliava a uma competência profissional invejável, raras faculdades de trabalho e elevados sentimentos de filantropia.

Ao longo de quase meio século de vida clínica, toda feita em Loulé, não têm conto os actos de benemerência que praticou, facto que bem justifica a máguia como é lembrado pelos pobres, em qualquer lugar ou sítio do concelho.

Se o seu desaparecimento feriu todas as camadas sociais da população louletana, foram os pobres que mais duro golpe sofreram e esta lacuna, longe de estar preenchida, continua a ser um caso vertente, cuja solução só por acaso pode surgir.

E digo «só por acaso», visto não ser altruista quem quer mas só aquele que encerra em si tal sentimento e o Dr. Bernardo Lopes possuía-o em alto grau, a ponto de considerarmos esta faceta uma das mais interessantes da sua personalidade.

Para ele, a sua profissão era o seu mundo, a principal razão de ser das suas preocupações; por isso se lhe entregou em dívida total, com prejuízo para as suas comodidades e para o sossego da sua vida familiar.

No Hospital, o Dr. Bernar-

## Associação de Assistência à Mendicidade

NÃO pretendemos, evidentemente, endireitar o mundo, nem, de qualquer maneira, que outras pessoas estejam dispostas a proceder deste ou daquele modo, segundo as directrizes que pretendesmos indicar. Isso seria estulticia da nossa parte e, no facto em si, estaria a negação das qualidades precisas de orientadores ou criadores de doutrina. Não são tão avantaçadas as nossas ambições, nem pensamos alguma vez ser essa a nossa missão, porque o que há de bom numa civilização, numa época e num espaço geográfico mais ou menos lato, leva anos a conseguir, demandando inenarráveis esforços, contumaz perseverança, inabalável tenacidade, vontade esclarecida, desejo firme e clima próprio.

Ora na nossa terra não há clima próprio para certas inovações civilizadoras e progressivas.

(Continuação na 3.ª página)

## VOLTA A PORTUGAL em bicicleta

RIBEIRO DA SILVA, EM EXCELENTE RITMO, FOI O PRIMEIRO CORREDOR A PASSAR EM LOULÉ

Apesar do avanço de 35 minutos sobre o horário previsto para a sua passagem nesta terra, toda a caravana da grande corrida ciclista, na extensa travessia da nossa Vila, foi aclamada e presenciada por numerosa multidão, que se colocou nos melhores locais e que viveu intensamente o colorido e vibrante espectáculo e lhe dispensou, especialmente aos corredores, entusiástico acolhimento.

Foi uma viva recordação dos tempos inesquecíveis de Mealha e Apolo.

Com a magnífica fuga dos acadêmista Ribeiro da Silva, à saída de Odemira, todo o pelotão se esfrangalhou, pelo que os corredores passaram em Loulé em pequenos grupos e com intervalos sensíveis uns para os outros.

Depois do vencedor do Tourmalet — que foi o grande herói do dia — também Alves Barbosa foi ovacionado. Foram estes dois ases do pedal, que aqui desfrutaram de grande popularidade, juntamente com o espanhol Manzanera e o benfiquista João Marcelino, os que deixaram melhor impressão pelo seu ardor combativo.

«AMIGOS DE PRIMEIRA APO- NHA»

Por gentileza do louletano Helder Sobral, que na sua terra quiz ter a satisfação de o oferecer aos seus colegas da Emissora Nacional, fomos um dos convidados ao belo repasto marisqueiro que nos foi servido em Quarteira.

Para além da simpática presença de toda a equipa da E. N., da excelente verve de Artur Agostinho, que se dispôs a «bombardear» ditos graciosos ao Director da Volta — o seu e nosso velho Amigo Anacleto da Ponte — tivemos a satisfação de saborear espiritualmente, um dos pratos mais succulentos de toda a emenda. Foi primorosamente servido pelo Dr. Tavares da Silva, com o seu inefectível culto da amizade. Ficamos agora cientes de que os «amigos de primeira apanha» poderão fazer parte da sua «marcação cerrada».

J. T.

## Na Hora da Saudade...

## Setúbal-Loulé

(mas há meia dúzia de anos...)

A Etapa Maratona da VOLTA A PORTUGAL revivida pela pena dum extra-jornalista

Esta é a etapa de Loulé. O Ciclismo esqueceu-a, mas nós revivemo-la. É como uma Missa de 3.º ano por alma de alguma coisa de grande que faleceu... Aqui tendes, louletanos, a vossa etapa em apontamentos — saudade, alguns anos volvidos.

O ciclismo pode negar-se às pistas, trocando-as por praias e jardins, como se o desporto fosse turismo, ou cicloturismo — puramente... Mas a etapa de Loulé não morreu. Continua fidelíssima no pensamento de quantos a amaram e nesse amor foram esquecidos...

«...»

A primeira volta à manivela do filme de cada dia... foi dada no Porto. Realmente, a «Volta a Portugal», é um filme... um filme em séries, de narrativa dramática, aventureira, homérica, em que os episódios se desdoblam numa sequência de etapas, com relevo para um ou outro «herói»...

As suas legendas, à força do filme ser mudo, é o povo que escreve na imensa e esguia ardósia da estrada, numa extensíssima fita gelatinosa e negra, em que a película se retrata.

«Viva o Porto!...» «Viva o Alves Barbosa!» «Viva o Benfiquista!...», são as legendas mais gastas da «Volta», o ritornelo que não cansa, nesta «zarzuela», colorida como um arco iris.

Eis porque a «Volta» é um filme mudo, um filme de diálogos

(Continuação na 3.ª página)

## AS NOSSAS ENTREVISSAS

# UM PROBLEMA ALGARVIO

## O FIGO INDUSTRIAL

A um mês da próxima colheita «o enquadramento no plano de distribuição para fins de destilação do excedente da produção algarvia» é a única solução — pelo menos para efeito imediato — que se impõe no momento actual.

Diz ao nosso jornal o Presidente do Grémio dos Exportadores dos Frutos e Produtos Horticolas, do Algarve: Sr. Francisco Curreiro de Barros:

(Uma entrevista de Luis Sebastião Peres)

Aproximando-se a nova produção do figo algarvio — pois que ainda existem da colheita passada 3.000 toneladas sem aproveitamento, redundando num grave prejuízo para a lavoura algarvia — e porque o problema do figo industrial carece de uma solução imediata, não podendo de forma alguma confiar-se ao caso transitório, deliberámos ouvir pessoa afectada a este premente problema e, a escolha recaiu na pessoa do nosso amigo e comprouviano sr. Francisco Guerreiro Barros que, como algarvio e Presidente do Grémio dos Exportadores de Frutos e Produtos Horticolas do Algarve, tem dispensado a mais ardorosa e desinteressada colaboração e carinho.

Sabendo da sua estada em Lisboa onde veio tratar, junto das entidades superiores afectas ao caso, do problema do figo mercantil que a província produz, puzémo-nos imediatamente em contacto com aquele nosso comprouviano, cuja confirmação telefónica levou-nos até ao Hotel Portugal, onde se encontrava a compilar a documentação para ir, momentos depois, a uma reunião com entidades oficiais.

Logo que nos foi consentido entrarmos no assunto que ali nos levava, puzémo-lhe a nossa primeira pergunta:

«Enquanto eu for vivo não haverá ciclismo em Loulé!»

Por falta de espaço, publicaremos no próximo número, em transcrição do «Mundo Desportivo», de Lisboa, a entrevista concedida pelo conhecido dirigente do Louletano D. Clube, sr. Bexiga Peres, na qual produz, entre outras, a afirmação de que enquanto for vivo não haverá ciclismo em Loulé!

E, caso para perguntar: — Então o ciclismo louletano está nas mãos duma única pessoa? — Quer dizer, tem um só dono, que é quem «tudo lo manda»? — Se assim é foi trabalho baldado o arranjo recente da pista pela nossa Câmara? — Perante uma afirmação tão categórica é melhor o Atlético e os Leões de S. Francisco desistirem do seu

(Continuação na 4.ª página)

QUAL A MANEIRA PRÁTICA E IMEDIATA PARA QUE SEJA SOLUCIONADO DEVIDAMENTE O PROBLEMA DO FIGO ALGARVIO?

Logo pronta a resposta do nosso entrevistado: Enquadrando no Plano de Distribuição do Figo Industrial para fins de Destilação, uma parte daquele figo produzido no Algarve, e que até agora tem constituído o excedente, para o qual se tem levantado as maiores dificuldades.

E PORQUE SÓ ASSIM O PROBLEMA DO FIGO ALGARVIO FICARIA SOLUCIONADO INDAGAMOS?

— Permitindo à Lavoura a garantia de que está assegurado o escoamento duma parte desse figo que não pode ter outra aplicação.

E DE QUEM DEPENDE A APLICAÇÃO DESTA MEDIDA?

— O nosso entrevistado não se fez demorar para nos dizer: Do Ministro da Economia — que aliaz já a considerou nas suas prometidas soluções — e da Junta Nacional do Vinho.

— Uma vez posta em prática esta medida — continua — terminariam assim as situações de emergência que há anos se vem verificando, — e isto com graves prejuízos para a Lavoura e Economia algarvias — não só por di-

(Continuação na 2.ª página)

## Números e curiosidades do mando do ciclismo

# Para dar a Volta a Portugal são precisas 277.000 pedaladas e 49 toneladas de energia

Pois é verdade, leitor! Cada corredor que completar a actual corrida ciclista ao país, terá dado cerca de 277.000 pedaladas. — Já reflectiu bem na eloquência destes números? — E na força dispendida para totalizar essa longa pedalagem — subindo encostas, vales e montes e percorrendo extensos terrenos planos, sob um sol escaldante e o martírio da sede a flagelar as gargantas desses «gigantes da estrada»?

Como muitos dos problemas actuais buscam a sua solução num «dos elementos imprescindíveis à vida moderna — a estatística — também nós nos envolvemos nessa ciência para atingirmos o resultado do nosso, que que é de curiosidade e entretenimento. Não tem a virtude de pôr o bacalhau a pataco, o que era mais importante, bem o sabemos. Mas enquanto o leitor se distrai com ele não pensa nos engenhos nucleares, nas letras a pagar, no derriço da sopeira com o namorado e na sua difícil substituição, nas dívidas incoercíveis, na crise de negócios, etc..

Começamos por lhe apresentar

## Major Mateus Moreno

Foi agraciado com a comenda da Ordem Militar de Avis o nosso ilustre comprouviano e devotado director da Casa do Algarve em Lisboa, sr. Major Mateus Martins Moreno, a quem, com muita amizade cordealmente cumprimentamos.

(Continuação da 3.ª página)

Como praia centro piscatório, Quarteira tem encantos turísticos de grande atracção

17 AGO. 1957





# «Loulé... em retrato»

UMA VEZ, em Lisboa, dormi numa casa que fica na confluência da Almirante Reis com a Avenida Paris e Rua da Actriz Virgínia e fiquei alucinado, de madrugada, com os ruídos do trânsito. Pela rua de lado, passa todo o movimento de um mercado público. Nas caves do prédio, onde dormia, funcionava um armazem de retém de recipientes para lixo e às 4 da manhã começava a descarga daqueles latões, que era um complemento formidável dos barulhos do trânsito.

Só lhes digo que era uma coisa horrível, um petisco insuportável e indigesto, daqueles que provocam vômitos e ansiedade.

Chamo em meu auxílio, para ajudarem a formar uma ideia, todos os que moram no lado descendente da Avenida José da Costa Mealha e vivam em prédio terreo, no qual durmam com janelas abertas, nestes dias em que se morre de insolação dormindo com elas fechadas.

Pois só lhes digo que compare este flagelo de ruídos, com aquele que passei em Lisboa.

Os camions que estacionam na própria Avenida, a corrida das bicicletas a motor, dos vendedores de peixe, que regressam para Quarteira, fazendo um barulho parecido ao de um motor de avião, os carros de carga para o mercado, as camionetas da E. V. A. que saíam da garagem de recolha para as carreiras da manhã, provocam um conjunto ruidoso, que coloca a minha casa, na posição daquela em que pernoitei em Lisboa.

Até os condutores de bicicleta sem motor, entendem que não de fazer barulho e aos pares, assobiam, cantam ou conversam em voz alta:

— Vê lá se vás comprar hoje bogas a 6\$00 para as vender a 5\$00!

— Aquele gajo precisava mas era de andar neste raio de vida!

— Ela estava no baile, mas

## Prédios Alugam-se

Um 2.º andar, apoz obras de completa remodelação, no Largo Gago Coutinho, n.º 2.

— Armazem muito espaçoso, no n.º 4 do Largo Gago Coutinho, contornando para a Av. José da Costa Mealha.

Tratar com o proprietário António Francisco Contreiras.

## Aprendiza

Para trabalhar com máquina de apanhar malhas em meias precisa-se.

Nesta redacção se informa.

o marido chamou-a e deu lhe uma chapada!

São frases soltas que se ouvem de madrugada nesta vila, de ruídos insólitos, onde é impossível sossegar de manhã.

Não deve haver no Algarve terra que tenha tantas bicicletas motorizadas ou de pedal.

Antigamente, a postura municipal, proibia o escape sonoro destes velocípedes e quando para Loulé veio a P. V. T. ainda se conseguiu pôr um pouco de tempero ao destemperado dos escapes dos micromotores. Parece que hoje já ninguém se importa e os rapazes até mandam preparar os tubos em rabo de peixe para que o barulho seja mais violento, isto é, atraia mais sobre si a atenção, a irritação dos circunstantes e a atracção das moças novas que acham o «Rock and Roll» uma melodia deliciosa de ritmo e harmonia.

E então, nas noites de cinema, quando os passeios estão vedados por uma barreira de bicicletas junto ao lancil!?

Se é noite de vento forte, ouve-se o cair quase contínuo da bicicleta mal equilibrada.

Zás!, lá caiu uma!

Zás!, lá caiu outra!

O velho professor Cabrita da Silva, que preparou para a vida várias gerações, no número das quais a de Duarte Pacheco, que era dos seus alunos mais rebeldes e endiabrados, dizia, considerando todas estas diferenças de viver, a que o «progresso» e a «civilização» nos sujeitam:

— «O moderno está muito apurado»!

O saudoso amigo Artur Gomes, que era acima de todos os naturais defeitos da raça humana, amigo leal e dedicado do seu amigo, dizia a meude:

— «Está tudo doido!»

Mas para onde vamos nós?, pergunto eu.

Haverá alguém que saiba dar resposta, no mundo inteiro, a esta pergunta?

Reporter X

## Vinho de Lagoa

Da Adega Cooperativa

**Ginginha e Eduardino das Portas de St.º Antão**

As melhores bebidas do País

Vende por atacado e a retalho

**M. Brito da Mana**

Telefone 18 LOULÉ

**LEIA! ASSINEI DIVULGUE**

«A Voz de Loulé»

# Recordando quem não deve ser esquecido

(Continuação da 1.ª página)

Esta foi, sem dúvida, outra faceta relevante do seu espírito de eleição.

Como qualquer mortal o Dr. Bernardo Lopes não era isento de defeitos, mas estes em nada afectaram a personalidade do médico, pois esta defendeu-a ele sempre com a sua inteligência; o seu amor ao trabalho e ao estudo; a sua excepcional força de querer e os seus belos sentimentos de caridade pelos pobres e desprotegidos.

O título que encima este despretencioso artigo «Recordando quem não deve ser esquecido» e o mais que no mesmo artigo se refere não tem nem podia ter intuitos louvaminheiros, ele representa um acto de justiça às qualidades de um Homem que soube impor-se à nossa consideração, por muitos e destacados méritos.

E se prestar honra ao mérito constitui um imperativo da nossa consciência, quanto aqui fica escrito deve ser tomado na justa medida do nosso respeito pelo valor de quem soube sempre o var e prestigiar a sua profissão.

A ideia nascida, logo após a morte do Dr. Bernardo Lopes, de perpetuar, no bronze ou na pedra, a memória da sua relevante e dilatada acção, ao serviço do bem comum, não deve esmorecer e hoje, a um ano da sua morte, tal preito de justiça impõe-se, pelo significado espiritual que encerra e como exemplo a apontar às gerações vindouras.

LEMON TAVARES

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

## Tolerância

O Reverendo Dr. Álvaro Vieira de Madureira profere, na sessão solene de abertura do nosso ano lectivo do Seminário Maior do Porto uma oração de sapiência subordinada ao tema «Do difícil problema da Tolerância». Desse notável trabalho pedimos licença para transcrever estes períodos: «Dê-se à Imprensa ampla liberdade de crítica aos actos políticos do Estado ou dos cidadãos. Os católicos, os cristãos em geral, devam clamar por uma ampla liberdade de Imprensa, nos países em que não existe. Não há razão para temores: uma doutrina que não se consegue aguentar na luta, em pé de igualdade com as contrárias, é doutrina que não merece sobreviver».

## Eugénia Soares

Enfermeira-Porteira-Paericultora

Partos ~ Crianças ~ Tratamentos e Injecções

Av. José da Costa Mealha, 38

Telefone 257 LOULÉ

# O FIGO INDUSTRIAL

(Continuação da 1.ª página)

ferenciais de preços como também pela incerteza como aquele comércio se pratica, visto que ninguém sabe antecipadamente qual o regime em que a mercadoria será colocada no mercado da indústria.

— Dadas as características do problema e do valor que ele representa para a Lavoura da província do Sul do País, leva-nos a outra pergunta:

**UMA VEZ CONSIDERADO O ENQUADRAMENTO DO FIGO ALGARVIO NO PLANO DE DISTRIBUIÇÃO PARA SER DESTILADO, SERIA-O EM TORRES NOVAS?**

Respondendo, o nosso entrevistado diz:

— É certo que a indústria tem naquela região concentrada a sua laboração. Sabendo-se, porém, prossegue o nosso entrevistado — que a mesma indústria possui uma grande fábrica no Algarve (Algos), seria de considerar que aquela fábrica se destinasse exclusivamente ao aproveitamento do nosso figo, evitando-se despesas inúteis com transportes onerosos para Torres Novas. De resto, sabendo-se que a instalação daquela fábrica impediu a instalação de qualquer outra, por estar em regime exclusivo, é de admitir que tal concessão tivesse obedecido a um objectivo de absorver o figo da nossa região.

**E DE QUEM DEPENDE O APROVEITAMENTO DO FIGO DO ALGARVE, PELA FÁBRICA DO ALGOS? — procurámos.**

— Na minha opinião — continua o sr. Francisco Guerreiro Barros — tudo se resolveria se os industriais de Torres Novas puzessem ao serviço do Algarve a sua fábrica num gesto de boa colaboração com a Lavoura Algarvia.

— Uma derivante que se prende com o problema do figo industrial são a criação de Cooperativas Destiladoras no Algarve. Assim achámos, desde logo, natural abordarmos o nosso illustre entrevistado sobre este assunto, pelo que lhe puzemos a seguinte pergunta:

**TENDO SUA EXCELENCIA O MINISTRO DA ECONOMIA PROMETIDO INSTALAR NO ALGARVE COOPERATIVAS DESTILADORAS, COMO VÊ A CRIAÇÃO E O FUNCIONAMENTO DAS MESMAS?**

— Não há dúvida — esclarece — de que a montagem das Cooperativas representa um grande benefício para a nossa província, porque, por esse modo, poderia ser utilizada na engorda do gado, a massa do figo destilado.

— No entanto — prosseguindo — em profundidade, parece-me que o problema não ficaria inteiramente resolvido, porque, teríamos, de novo, que voltar ao enquadramento do álcool, da aguardente produzida naquelas Cooperativas; ou então ao regime livre do comércio e trânsito da aguardente dentro do País.

— É claro que esta resolução de vender aguardente em regime livre, agravaria a crise da vinicultura nacional em cuja defesa, o Governo da Nação, tem-se mostrado activamente empenhado.

## PRÉDIO

Vende-se um prédio situado na Senhora Santana, desta localidade. Tratar com o Banco do Algarve — Faro.

## SE DESEJA

comprar máquinas industriais e agrícolas, visite o Stand de JOSÉ DE SOUSA PEDRO

Rua 5 de Outubro, 29 LOULÉ

E assim terminou, com estas palavras, a entrevista que o illustre Presidente do Grémio dos Exportadores dos Frutos e Produtos Horticolas do Algarve, que se tem mostrado, no decorrer das conversações e reuniões com as entidades oficiais, um grande amigo do seu Algarve, não se poupando a esforços e canseiras, para que este delicado problema — o problema n.º 1 da Lavoura Algarvia — encontre a solução adequada a poderem ficar os interesses e economia algarvias, devidamente defendidas.

Confiemos em Sua Ex.ª o Ministro da Economia, que, nos mais diversos e complexos problemas que têm sido levados ao seu Ministério, nunca deixou de equacioná-los e resolvê-los com aquela justiça própria do seu carácter de governante inteligente e conhecedor profundo das coisas e dos homens.

Estão em causa sagrados interesses duma região que é parte integrante da comunidade nacional.

O Algarve espera que lhe façam justiça e por ela espera, pois trata-se de uma fértil e rica zona produtora de frutos secos, que é a base da sua economia, de onde vivem algumas centenas de milhares de bocas.

A presente situação da Lavoura Algarvia apresenta-se de nuvens bem carregadas que é preciso desanuviar, pois estamos com a nova safra de figo, ou sejam, milhares de toneladas de um produto, até hoje, considerado o melhor da península.

Facilitando-se uma solução — e essa, a que aponta o nosso comprouviano sr. Francisco Guerreiro Barros, na entrevista que nos deu — por estar conforme as possibilidades dos sectores onde o problema se enquadra e que a ética corporativa recomenda.

Lisboa, Agosto 1957

Luis Sebastião Peres

## CASA

Vende-se uma casa com chave na mão, com jardim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos separados para arrecadação. Junto à estrada de S. Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardo — Loulé.

## Propriedade VENDE-SE

No sítio da Pedregosa que consta de 12 geiras de boa terra de semear com figueiras, alfarrobeiras, amendoeiras e oliveiras e uma parte em mato facilmente arável a casa para arrecadação.

Vende-se com rendimento ávita.

Tratar com José dos Santos Silvestre — Rua Garcia da Horta, 14, (antiga Rua da Fonte — Loulé.

## Poupe dinheiro e viaje com segurança

usando no seu automóvel

**Pneus M A B O R**

A' venda no Stand do Agente

José de Sousa Pedro LOULÉ

## EXCURSÃO a Espanha França e Itália

De 26 de Agosto a 23 de Setembro de 1957

**Visitando:** Sevilha, Valência, Barcelona, Nice e toda a encantadora Riviera francesa, Mónaco, Riviera Italiana, Génova, Pisa, Roma, Nápoles, Pompeia, Florença, Pádua, Veneza, Milão, Lourdes, Biarritz, S. Sebastian, Burgos e Madrid.

**Em moderníssimos Auto-carros**

ORGANIZAÇÃO DA

**Agência Peninsular de Viagens e Turismo**

Direcção de M. Arcanjo Viegas

Rua Conselheiro Bivar, 58 — Telefone 216 — FARO



## Cantinho

D A S

## Leitoras

O ENCANTO DO LAR

O lar devia ser o lugar onde o indivíduo se sentiria mais feliz e mais à vontade.

Fundado no Amor, deve inspirar a alegria, a compreensão mútua, a fidelidade, o esquiamento de si próprio, a justiça e a busca ardente de um ideal sempre mais elevado.

O lar, onde arde o fogo que aquece, e se acende a luz que se alumia, é sinónimo delicado e afectuoso de família.

É a família uma sociedade natural, correspondendo à necessidade da natureza humana de viver e de se perpetuar. É esta a primeira sociedade natural, que constitui a base, o núcleo de todas as outras sociedades mais vastas, como a Nação e a Humanidade.

Para o homem é, inegavelmente, a Família o mais precioso de todos os estimulantes. É por ela e para ela que o homem trabalha, economiza e desenvolve todas as suas possibilidades físicas, intelectuais e morais.

Apagando o individualismo egoísta, faz nascer e desenvolver os mais nobres sentimentos humanos, como o amor conjugal, o amor paternal e o mais elevado de todos, o amor maternal — de certo, de todos o mais sublime.

Parece ser uma lei de simpatia, desenvolver-se primeiro num âmbito restrito, para passar, depois, a outro mais largo.

O primeiro âmbito, no qual a simpatia se desenvolve, é a família; o primeiro terreno, onde desabrocha, é o lar.

DOS TECIDOS DE Lã

Nódoas de tinta de óleo: Use primeiro terebentina; depois esfregar com sabão mole; por fim raspar a grossura da nódoa com uma curta papéis e acabar com benzina.

Nódoas de tintura de iodo: Agua amoniacal, depois bater com boneca embebida em hipossulfito de sódio; nos tecidos não laváveis usar álcool a 90°.

Nódoas de sangue: Tecidos de cor — Uma pasta espessa de amido e água e deixar secar, ou então água tépida com uma colher de sopa de amoníaco por litro. Em tecidos brancos, água tépida com amoníaco mais uma colher de água oxigenada.

PEQUENAS COISAS QUE NÃO CONVENEM ESQUECER

— Quando se utiliza leite pasteurizado, este não deve ser fervido mas apenas aquecido em banho-maria.

— Quando se escreve a alguém deve-se ter o cuidado de pôr a data na carta, e de escrever a direcção do remetente na própria carta e nas costas do envelope.

— Quando se aproximam as festas ou os aniversários, deve-se cumprimentar os parentes, pessoas amigas e ainda aqueles a quem devemos obrigações.

CONSELHOS ÚTEIS

— As cascas de ovos pisadas com sal são boas para limpar os utensílios de cozinha (formas de pudim, tachos de esmalte, etc.).

— Se sentir os olhos cansados, ponha parches de água morna nas pálpebras.

— A água de sabão é um adubo para as plantas novas.

— Ponha na caixa da pomada para o calçado umas gotas de parafina. O calçado ficará lustroso.

— Uma maçã ou uma cenoura na caixa do pão evitam que este seque depressa.

— Se quer conservar a manteiga sem ranço, junte-lhe mel, na proporção de 60 gramas de mel para 1 kg. de manteiga.

— Use cascas de laranja secas para substituir a baunilha ou o limão na feitura de cremes, bolos ou sorvetes.

— Use sempre água fria para lavar os seios.

— Para cozer o grão-de-bico ponha-o ao lume em água fria. Não deite água durante a cozedura.

— Poupe a cera para os soalhos, misturando-lhe algumas gotas de vinagre.

Graça Maria

## Empregada

Para estabelecimento comercial, precisa-se.

Nesta redacção se informa

# MOBILIAS

Em todos os estilos, das melhores madeiras e com o mais perfeito acabamento, encontra V. Ex.ª em exposição permanente na

# CASA MATIAS

Telef. 210 — LOULÉ — (próximo ao Hospital)

Estofos, decorações, tapeçarias, oleados, quadros, candeeiros e ferragens para móveis Colchões M O L A F L E X Mesas e cadeiras para CAMPISMO e PRAIA

Preços reduzidos em todas as concorrências

Ninguém vende melhor nem mais barato

COLOCAM-SE AS MOBILIAS EM CASA DOS CLIENTES

Execução perfeita de todos os trabalhos de marceneiro, polidor e estofador





## Associação de Assistência à Mendicidade

(Continuação da 1.ª página)

Quem se der ao incômodo de meditar uns momentos sobre estes e outros assuntos, terá ocasião de verificar que a mentalidade de certas pessoas é ainda do tempo dos fósseis e dos paleolíticos.

Pouco mais têm avançado, do que na maneira de vestir, que essa, supõem elas, é que dá personalidade e valorização. No mais, permanecem ignaras e atrevidas.

Deste modo não é possível conseguir nada de certas pessoas. Não têm culpa, pois para mais lhes não chega a compreensão. Assim, não há lição senão para a imitação servil, a macaquice da cópia, e a superior aptidão para a má língua.

Para o mais, nada.

Como todos os animais de sua espécie, têm que ser puxados para o lado contrário daquele que se pretende, para se conseguir deles a realização do que é útil e aproveitável.

Tem sido dito que a maior conquista social da nossa terra foi a extinção da mendicidade pelas portas e ruas da vila. O que isso representa de sanidade social, de caridade pública bem repartida e eficaz não tem discussão nem sofre contradição. Foi uma obra em que se empenharam todos os louletanos de bom coração e acentuado amor pelo seu semelhante e pela dignidade dos seus irmãos eventualmente em desgraça. Dar-lhes com uma das mãos sem que a outra o saiba. Amavelmente, humanamente, elevando-os até si, sem lhes lançar em cara a sua desdita, antes procurando que eles sintam menos o seu infortúnio e não sofram a humilhação de ter que receber esmola pública, supremo insulto que uma sociedade que se pretende civilizada lança à cara de um seu semelhante.

Pois há quem tirando disso os maiores benefícios, pela extinção do contínuo bater às portas, vá dar esmola pública mente às portas das igrejas ou à porta do cemitério, fazendo estendal da pobreza necessitada e da miséria humana, alinhando os seus semelhantes como coisas desprezíveis à parede do cemitério ou enclaustrando os como gado num curral para lhes dar o seu generoso óbulo.

Não seria mais digno, mais humano e mais decente pegar nessa importância e ir levá-la à residência dos que pretendem socorrer, ou entregá-la à Associação para que ela ocorresse os necessários que desveladamente assiste?

Seria infinitamente mais nobre socorrer o semelhante, sem o sujeitar à vergonha do

## Hora da saudade

(Continuação da 1.ª página)

tons de Corot, estrada a fóra, em tons vários, num arco iris esfrangalhado, desfeito pela vaga do cansaço, que breve evidência os seus estragos, e nós partimos para a frente pelas «operações» de vulto, deixando o pelotão geral entregue a si próprio, sem receio que se perca...

Os cinco «comandantes» passam a revesar-se na condução da corrida e ensaiam, por vezes, ritmos de «ballet» clássico, sempre que a estrada, se inclina, ingreme, e é preciso não perder tempo a subir.

A luta está travada. Os cinco da frente são o «mote», os da retaguarda as glosas rimadas nas mesmas cores das «jerseys» da frente, Alcácer do Sal e Grândola divisam-se, por sua vez com os seus prémios tentadores, e são atravessadas como uma seta mortal — ficando a estrebuchar de delírio e mortas de saudade... O nosso carro para por algumas objectivas de relevo para o jornalismo, a firma produtora do filme.

Na brigada de realização desta Metro G. Mayer, há quatro nomes distintos, quatro figuras responsáveis pelo filme. O chauffeur, o homem da manivela; eu, o Cumings, pela gama de coloridos; e os dois redactores de serviço, o Fritz Lang e o Frank Capra. Por vezes, entra também, extra-programa, em acção, a Polícia de Viação e Trânsito, para meter na ordem a imensa legião de «pastelarias» que se cruzam no nosso rumo, estragando as melhores objectivas do filme...

Do Cercial em diante, a paisagem transfigura-se como uma figura sádica que adoeceu gravemente. São as terras de estepe reflectindo cenários flagrantemente dos «Ceifeiros», de Fialho, e de «O Serão Alentejano» de Severo Portela.

A prova endurece cada vez mais, com os ciclistas mordendo o pó e ardendo de sede, a uma temperatura de 40.º centígrados. A legendar esses cenários, apenas SS sobre SS, em curvas arrojadas de montanha russa identificando o Sul, como ponto cardinal da rota geográfica que se procura para o mar.

Entre os quilómetros 140 e 143 há um posto de abastecimento, que os corredores procuram, cegos de luz, exaustos da caminhada, largando as bicicletas e os seus objectivos de vencedores, para se mergulharem nas sombras escassas dessa tarde tipicamente — infernalmente alentejana.

Depois surgem os restantes, como vindos do «trabalho» cegos, doidos, sedentos, lançando-se na sombra escassa...

### ODEMIRA --LOULÉ

Odemira-Loulé, constitui o segundo acto do drama, a fase decisiva da luta. Terminou o controlo, e os homens lançaram-se nas suas bicicletas em busca do Monte de Odemira, onde o «prémio da montanha» vai ter a sua cena dramática, o desfecho culminante ao marco 400 do quilómetro 105, a 100 metros de elevação.

A meio da subida, há um corredor que parte a bicicleta e fica

rebaixamento em que coloca um seu irmão necessitado.

Quando será que se fará luz no espírito de certas pessoas, que de humano têm o aspecto, mas no procedimento se assemelham aos irracionais de que atrás falámos?

A Direcção

de «perna partida» para a discussão do resto da etapa; outro, tal como obom Nazareno, cai, a meio da subida, e é ajudado, a erguer-se e a recompor-se, pelo povo.

Depois a anedota do filme entra a desvendar-se, a ganhar sumo interesse. O fugitivo leva 8 minutos de avanço do segundo, e ambos perdidos no labirinto da serra, deixam aqui e além um rasto de poeira a denunciá-los no seu «duelo» ao sol de fuga e perseguição. O perseguidor abandona, não pode mais... Pede-nos um cigarro, e nós atendemo-lo, compadecido para com esse condenado a 303 quilómetros de jornada penosa. A despeito da incerteza que reina entre o pelotão, ignorante do que se passa na frente, ninguém deixa de atacá-lo em pedalada funda, crente no triunfo que, a verificar-se, os cobrirá tanto mais de glória do que de pó barrento dessa estrada indescriptível.

O homem da frente continua a fugir como um desertor... É a locomotiva autêntica, da prova. À frente, puxando sempre e cada vez mais, para aumentar o seu avanço, movimenta as bielas das suas pernas «de aço» num ritmo impressionante. Tem paragens curtas para meter água, mas logo volta a partir, com ímpeto, para atacar a fundo as subidas de olhos postos no «filme» da estrada, cumprindo os desígnios duma tirada dura e caprichosa. Quando desce, embala a tal ponto a marcha, que se perde para voltar a reaparecer lá ao longe, no mar alto da serra, como que trazido a cima para vaga dum sueste. A poeira que continua, impiedosa, faz agora lembrar a crina arfante dum monstro de aço...

O perseguidor ganha força e consegue encurtar a distância, que os separa, para 4 minutos, animado pelos incitamentos do povo que vem a berna da estrada. Mas a «locomotiva» é sempre a «locomotiva», abre a máxima força e volta a «despedir-se» da vista do seu rival. Este porém, continua a meter água em todos os pontos. Lembra um couro de irredutível ao pensamento de derrota, fazendo esforços para manter a linha de água em flutuação...

Odeceixe surge a 208 quilómetros de luta, valorizada pela vegetação e pelo prenúncio do litoral. É o Algarve que, de braços abertos, vem esperar os corredores, retemperando as forças gastas dos ciclistas.

Está à vista o Al-Garb, com toda a sua exuberante poesia de jardim, a dar a impressão de que o Estádio da Campina fica a dois passos. Mas, faltam ainda 80 quilómetros.

Entretanto, na frente, o «leader», entra a fracassar estroadamente, como se as rodas da sua máquina se negassem ao triunfo — patinassem, sem poder de rebocagem para tantos quilómetros deixados atrás de si. O seu perseguidor vai «deitar-lhe a mão», vai «aprisioná-lo», enfim. Seis, quatro, dois minutos, e os dois competidores já se avistam nos trechos de recta desenhados à régua.

Novo arranque da «locomotiva», que volta a movimentar-se, energicamente, e a merecida prioridade desta etapa acaba por se lhe entregar num «beijo» de glória e num vulcão de aplausos, em plena pista, nos derradeiros quinhentos metros da sua vitória.

Eis como eu vi esta etapa, cansado de a olhar, de a sentir e de a admirar no que de homérico tem o ciclismo afinal...

Faro, 8-7-1957

António Augusto Santos

## Números e curiosidades do ciclismo

(Continuação da 1.ª página)

fissionais de pista valem-se do 13 × 51 e 13 × 52 — caso do belga Brunel, que foi, para nós, o melhor «pistard» que passou em Portugal, cujos lançamentos nos davam a ideia de copiados a papel químico.

Entraram em conta no apuramento das desmultiplicações usadas e a usar na Volta os seguintes elementos:

a) — quilometragem em subidas íngremes, de pouco desnível e suaves.

b) — descidas acentuadas com ligeiro perfil, com muito perfil (e a consequente travagem seguida de pedalagem, nas curvas mais apertadas), e descidas sem pedal.

c) — «Demarrages» diversas, seguidas de roda livre, etc..

— Cálculo dos Kms. sem pedal: 489.

— Desenvolvimento médio por pedalada: 1.800.000, × 6,5 = 277.000 pedaladas. Por etapa = 17.310 pedaladas.

Eis em síntese os cálculos, com a sua falibilidade.

Vejam agora a força dispendida. Calculemos o peso médio por pedalada em cerca de 180 gramas e encontraremos um gasto total de energias à volta de 49 toneladas (3.000 kigs. diários).

**Alimentação** — Um corredor absorve, em média, durante a Volta, mais ou menos os seguintes alimentos: 14 kigs. de carne, 5 galinhas, 3 dúzias de ovos, 2 quilos de açúcar, 30 kigs. de frutas, 15 litros de vinho ou cerveja, 16 kigs. de pão e 70 lts. de água.

### VOCABULÁRIO DA VOLTA

Expressões usadas vulgarmente por corredores e acompanhantes

Vai ver a «garça» — Fuga dum corredor «que tem pressa» porque o espera uma bela «garça» na meta.

O gado vai manso — Pelotão em andamento lento.

O gado vai bravo — Pelotão em andamento rápido.

O gado espantou-se — Movimentação do pelotão devido a fuga ou tentativa de fuga.

Partiu-se o harmónio — Pelotão fraccionado em vários grupos, próximos uns dos outros.

Afanado — Corredor ligeiramente desfalecido.

Ir às malvas — Fuga sem efeito.

Para comprar uma quinta — Corredor que ganha mais duma etapa seguida.

Limpar o cêbo — O que «limpa» muitos prémios de passagem.

Sair de sócos — Fuga mal sucedida devido a barulho feito nas «mudanças» ou por ter «saltado» pela frente, do pelotão, em vez de lado.

Talegada — Uso da desmultiplicação superior.

Ir na menina — Pedalar em desenvolvimento leve.

Passo de boi — Andamento lento — Passo de cavalo — andamento rijo.

A D. Micas vai mal — Quando a bandeira vermelha, no carro do director da corrida, indica barragem a todos os veículos da caravana: Ir à mama — O corredor que vai sempre na roda doutro.

Fazer ronha — O ciclista que diz não poder ajudar os colegas e mais tarde lhes fuge. A trabalhar para o presunto — Diz-se do último por causa de em certas terras lhe atribuem prémios. (Em Lamego havia sempre um presunto para o último).

«Sprint» com barrêre — Os corredores que sprintam julgan-

do haver prémio. (caso de Onofre em Loulé, o ano passado).

Quando o Ribeiro trepa até as montanhas tremem — Parodiando um dito de Ildefonso Rodrigues sobre Rebelo.

«Bifes» à Lacerda — (Jornalístico) — Quando um colega pede a outro para lhe tirar uma cópia das classificações. (A propósito de um pedido feito pelo jornalista-veterano da Volta ao seu colega Afonso de Lacerda). Sapatada — fuga em grande estilo.

### CURIOSIDADES

Em França, existiam nos últimos anos, cerca de 10 milhões de pessoas que usavam a bicicleta, ou seja, aproximadamente, um velocípede para cada 4 habitantes. A proporção era maior na Holanda, Dinamarca e Bélgica.

Uma bicicleta moderna é composta por cerca de 17.000 peças.

Dez gramas a menos na periferia da roda trazem (cubos, raios, porcas, tubos) valem mais do que 2 quilos a menos no resto do velocípede.

Para as grandes quilometragens é um factor importante a considerar.

Foi a bicicleta do filho que levou o veterinário escocês John Boyd Dunlop a descoberta do pneumático em 1887.

Um corredor experiente e calmo não leva mais de 2 minutos e meio a substituir um tubo rto.

Entre a segurança dum tubo mais grosso e o perigo dum tubo mais leve, o corredor de classe opta pelo risco do último.

Talvez encontremos no conceito atrás citado algo do «desastre» da tirada para Faro. Barbosa, cuja forma física parece não ser famosa, talvez se socorresse do tubo menos pesado, acabando a «etapa dos furinhos» bastante prejudicado nas suas aspirações a «leader». Ribeiro, contudo, entre 50 a 100 gramas mais, optou pela segurança e com ela os seus lucros foram substanciais.

O «cultural do ciclismo» conhecedor, por certo, daquela máxima, aplicou-a em seu prejuízo, enquanto que o Zatopek da bicicleta acabou por mandar acrescentar aquela verdade estoutra: — «salvo casos especiais de estrada perigosa pelo accidentado do seu perfil ou estado».

No acerto das medidas ideais das manivelas pedaleiras (crenques) e no do desenvolvimento, residem o segredo técnico do ciclismo.

Saber qual a medida conveniente dessas manivelas (18,5 a 18,5) e a das desmultiplicações necessárias à forma, estilo e potência do corredor reside o saber dos bons técnicos e dos corredores de classe.

Apesar de ser o tubo traseiro o que sofre mais desgaste (arranques, travagens, maior peso) costuma-se usá-lo de peso inferior ao da roda da frente.

### BARBOSA E OS DESENVOLVIMENTOS

Para satisfazermos o pedido dum leitor, a propósito do comentário «Ribeiristas e Barboistas», publicado no número anterior, acrescentaremos o seguinte:

A aplicação dos desenvolvimentos é um dos pormenores técnicos mais importantes na arte de bem correr.

Se apoz os primeiros sintomas da sua diminuição de rendimento, Alves Barbosa tem procedido

a uma revisão cautelosa — e dizem cautelosa porque não se pode alterar truscamente aquilo a que as pernas estão habituadas: as rotações — do sistema mecânico de tracção da sua máquina, quer-nos parecer que teria concluído a Volta à França em vez de ser eliminado nas condições conhecidas.

O uso das grandes desmultiplicações exige um gasto muscular e nervoso de grande monta. Ao serviço dum corredor em grande forma constitui um elemento de primeira ordem. Em condições diferentes é nefasto e perigoso. Querer imitar um Darrigade, que pela força da sua especialização é mais um conquistador de etapas que um voltista, constitui um erro tão grande como o de conquistar prémios de velocidade a trepar, desde que não se seja trepador nato. Para tal cometimento — o de mais veloz a escalar — houve que recorrer a desenvolvimentos excessivos às suas possibilidades potenciais. «Partir os pés» é, nestes casos, o que costuma suceder ao corredor que usa imoderadamente os desenvolvimentos pesados.

Numa das tiradas da última Volta ao Algarve (era então amorador) queixava-se Adegas dum acontecimento para ele inédito: o da máquina, de repente, lhe dar a sensação de pesar arrobas, sem que qualquer sintoma de «afamamento» o tivesse atacado.

Ouvimos dizer em Faro acerca de um dos melhores corredores do Sporting, que a sua condição física era esplêndida, mas que o ciclista se queixava das pernas não darem o rendimento desejado. «Das pernas para cima sinto-me ótimo. Elas é que não correspondem. Parece que as tenho presas a qualquer coisa», dizia o corredor.

Pessoa amiga ligada à Volta afirmou-nos que a equipa espanhola trazia no seu conjunto de carretos o 13 × 52 (8,5 mts.), motivo porque alcançou êxitos no Lima e Alvalade. Custa-nos a crer, a não ser que queiram imitar: o Poblet nas provas de quermesse, ou venham na disposição de vencer etapas, despresando a classificação geral. Se a sua preparação física é realmente notável (o que não é muito de admitir quase no final da época) admite-se a inconsciência do seu uso. Mas em qualquer dos casos, a aplicação amidiada dessa «taleigadon» pode «estoirá-los» antes do fim da nossa Volta. — Não terá havida lapso com o 14 × 52?

José Ferreira Torres

Permitidas transcrições sob referência a este jornal.

## † Minael Rodrigues Guerreiro (Minael Paco)

A FAMILIA, vem por este meio, com o natural receio de qualquer omissão, por carência de endereços ou falta involuntária, tornar extensivo, o seu mais grato reconhecimento, a todos, quantos, acompanharam ou manifestaram o seu pesar, quando do seu passamento.

Quando chegaram em frente da aldeia onde a encosta se afunda mais no vale, o padre estacou de repente e protegeu os olhos com a mão. A luz intensa dum relâmpago viu por baixo da capela uma cabega negra como ébano e sobre ela a volitar, uma pena vermelha.

Não era daqueles que viram a cara; e nele nasceu o desejo de vencer ali mesmo o inimigo, o desejo santo que adivinha a presença do mal e corre em socorro daqueles que se devotam com todo o coração a Deus, com o mesmo impulso que penetra a semente do trigo quando a vida entra nela, como o que se introduz na flor quando está prestes a desabrochar, como o que se apodera do herói quando o seu adversário ergue a espada. E assim como o afogadoado corre para a água fresca da corrente e o herói para a batalha, assim o padre vai pela encosta abaixo pronto para a luta ousada, mete-se entre o caçador e Cristina que precisamente neste momento lhe vai a depositar a criança nos braços e atrai para entre eles, com voz bem audível, os três mais altos nomes sagrados. Empunha o Santíssimo em frente do rosto do caçador, lança água benta sobre a criança e acerta em Cristina ao mesmo tempo. O caçador solta um uivo de dor e mais adiante, trémula como um risco de falsa a sumir-se pelo chão, vê-se uma penazinha a lucilar. Atingida pela água benta, Cristina encolhe-se toda e deita assobios como a água na cal, lambem-se chamas alterosas dos pés às faces, e a aranha negra intumesce, incha, avanta-se sobre o rosto encarquilhado e sumido de Cristina, lança silvos agudíssimos e pouca por fim sobre a criança, regorgitando de veneno e altivez, soltando dos seus olhos negros como a escuridão, relâmpagos de ódio contra o ministro do Senhor. O padre exconjurava com água, que assobia como água comum sobre uma pedra incandescente; a aranha cresce, torna-se robulada e estica cada vez mais para longe as suas pernas pretas, e os seus olhos fuzilam cada vez mais peçonhentosamente sobre as sagradas insignias. Irado e cheio de fé, o padre puxa por ela com mão ousada, sem temor, e aperta-a com força. E como se enterrasse tachas entre as unhas, mas não desfalece; e cheio de gana, arremessa o hediondo bicho para longe, arrebatando a criança e apressa-se a conduzi-la à casa onde nasceria.

E mal a titânica luta acabou, a lufa-lufa das nuvens teve termo e estas recolheram-se outra vez às suas câmaras escuras; em breve o vale, até agora tão lúgubre, alumia-se com a claridade serena das estrelas e o padre chegava embracando o menino, quase sem fôlego, mas orgulhoso do triunfo, à casa marcada para o sacrifício.

Na lóbrega alcova do casebre rústico, a velha rezava, preminho as mãos contra os mirrados seios, confiando ainda que Deus tem mais de poderoso que o diabo de mau; a seu lado jazia inanimada

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 22

JEREMIAS GOTTHELF

## A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do Alemão por E. Rocha Gomes

sobre a cama a sofredora mãe que com aquele grito estridido tinha mandado para longe todos os sinais de vida; mas os vagidos da criança deram alento ao seu coração e, quando abriu os olhos e viu o seu filhinho sentiu na alma uma deliciacão só aos anjos do céu é dado conhecer. E foi ali nos braços da amorosa mãe que o padre baptizou o inocente em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. E mais uma alma tinha sido salva das garras do porco sujo para sempre, até que quisesse entregar-se-lhe voluntariamente. Mas disso a defendia Deus, a cuja guarda a sua alma tinha sido confiada, embora o corpo tivesse ficado empenhado pela aranha.

As consolações da pobre mãe foram porém de pouca dura. Em breve a alma do seu menino se separou do corpo, mortalmente ferido pela pegoña queimante. A pobre mulher bem chorava aquela perda, mas bem sabia que cada parte vai para onde tem de ir: para Deus a alma e para a terra o corpo, se é que se encontra consolo primeiro para este e depois para aquela.

O mal porém não acabara ali, e assim que o presbítero acabou a sua função sagrada, sentiu uma comichão ardente na mão e no braço com que tinha arrancado o aracnido pestilento. Pequenas manchas negras sarapintavam-lhe os dedos, que iam inchando a olhos vistos, e ao compreender a gravidade do mal, abençoou todos e partiu a passos largos a caminho de casa. As armas sagradas queria aquele fiel lutador levá-las onde pertenciam, para que estivessem no seu devido lugar em qualquer outro caso urgente. O braço inchava e pulverizava-se de nódoas anegradas, mas, apesar da horrorosa perspectiva, não succumbiu. Quando chegou a Kilchstalden encontrou João, o pai, esquecido de Deus, deitado de papo para o ar no meio do caminho, sem dar acôrdo de si; e sobre o seu rosto inchadíssimo e negro como braza queimada alastrava os seus tentáculos a aranha negra. Sôfrega de mais vítimas e odienta, ao ver as vestes sagradas, fincou o seu

corpo redondo sobre as delgadas pernas, eriçou sobre a pele os inúmeros pelos, arqueou as costas como gato enfurecido e, com os olhos a fuzilar veneno, preparou-se para saltar contra o rosto do seu inimigo de morte. Abrenúncio! E mais tempo não teve senão para erigir o Santíssimo. A aranha esgueirou-se, fazendo cochichar a erva com os seus estremecimentos de impotente raiva, e o ministro do Senhor pôde seguir o seu caminho e depositar no lugar sagrado tudo aquilo que lhe pertencia, com a consciência de que a sua alma, tão próxima a evolar-se, seria recebida em doce paz pelo seu Deus, por Quem tão galhardamente tinha pelejado em arrojada luta de morte. E Deus não se fez esperar, levou-o nesse mesmo dia.

Uma resignação assim, aquela doce paz que aguarda tranquilamente o seu Senhor, não havia no vale nem em cima nos montes.

Uma atmosfera de ténica espectacular pairava sobre todos desde a hora do grande sacrilégio de Cristina, e todos os corações eram concordes em que, se a mão de Deus impendesse vingadora sobre eles, tal castigo era bem merecido, e aquele temporal impressionou-os vivamente.

Correu célere a notícia dos últimos acontecimentos, e tudo ficou de boca aberta ao saber que o padre tinha baptizado e devolvido a sua mãe o anjinho destinado às unhas aduncas do caçador maldito; mas nenhum João, nem nenhuma Cristina tornaram a ser vistos. Os alvares do crepúsculo matutino apenas encontraram rostos lívidos em toda a povoação, mas também o lindo sol que depois raiou não conseguiu colorir-los; bem lhes dizia a consciência que o verdadeiro castigo ainda não tinha vindo. Fervilharam os boatos mais confusos sobre a morte do padre e ácerca de Cristina, que constava ter-se metamorfoseado em aranha.

Era um lindo dia de colheitas, mas nem uma só mão pegou na foíce ou em qualquer instrumento agrícola, e tudo se agrupava em montinhos aqui e ali, cochichando sobre casos recentes, como é costume no dia que se segue àquele em que aconteceu qualquer coisa vulgar. Só agora avallam o que representa querer libertar-se de pragas e desgraças terrenas, a tróca de venda duma alma imortal. Sentiam que há um Deus no céu, que castiga todo o mal que se faz a gente inocente incapaz de se defender. O receio de tudo o que pudesse acontecer, obrigava-os à união em casa um dos outros, onde se julgavam mais seguros e protegidos, mas nem assim havia sossego, porque cada um atribuía as culpas aos outros e todos sacudiam a água do seu capote como melhor podiam. Todos tinham sido profetas e não havia nenhum que não afirmasse ter visto e previsto tudo ou discordasse de que os culpados deviam ser castigados, mas ninguém queria Justiça em casa.

(CONTINUA)



## Ensino Primário

Para conhecimento dos interessados, se comunica que o prazo normal para a matrícula no ensino particular (primário) decorre de 1 a 15 de Setembro, como foi determinado pelo Decreto-Lei n.º 41.192 de 18-7-1957.

# A VOZ DE LOULÉ

## Loulé e o «Diário Ilustrado»

Com motivo na referência às terras por onde passava a Caravana da Volta a Portugal, em bicicleta, publicou o simpático vespertino «Diário Ilustrado» em tipo de relevo uma elogiosa e líssongeira saudação a Loulé, no seu número de 3.ª feira última.

Não resistimos à tentação de transcrever, na íntegra, essas palavras amigas e encomiásticas que exaltam o bairrismo e generoso orgulho pela nossa terra.

Na realidade, vamo-nos desabitando tanto de elogios e louvores a Loulé, que, quando nos surpreendem exaltações tão claras e vigorosas como as que reproduzimos, enche-se-nos o peito de alegria e confiança no progresso e importância do nosso Concelho, o maior Concelho algarvio e a mais bela Vila do Algarve.

A quem escreveu tão calorosa saudação agradece «A Voz de Loulé», reconhecidamente, em nome dos loulétanos a justiça de observação e o sentimento amigo e generoso que as ditou.

## ROTEIRO Turístico de LOULÉ

—O maior concelho algarvio

«Loulé, vila com nove freguesias, é o maior concelho do Algarve».

A região onde assenta a vila foi povoada em remotas idades. Os romanos exploraram algumas minas em Querença e Alte, mas é incerto que tenham fortificado o lugar, como, aliás, pretendem alguns estudiosos. As fortificações devem, sim, atribuir-se aos mouros, a quem D. Paio Peres Correia, mestre da Ordem de Santiago, a tomou em 1249. O assalto demorou dois dias, com um combate no primeiro sítio dos Furaduros. As conquistas dos reis de Portugal e dos Algarves deram origem a um conflito com Afonso X, que considerava o Algarve como a zona que lhe estava destinada. Afonso X teria tomado o castelo depois da conquista deste, devolvendo-o, afinal a D. Afonso III, que lhe deu foral, em Lisboa, em 1266, confirmado por D. Manuel, em 1504.

Loulé foi erigida em condado por D. Afonso V, em favor de D. Henrique de Meneses. A vila é das mais interessantes de todo o Algarve, e pena é que o terremoto de 1751 tenha destruído todos os seus monumentos, incluindo o castelo, de cujas ruínas desapareceram fontes, reixas, ferros forjados, etc.

Tem feiras anuais no 2.º domingo da Quaresma, denominada de Passos; a 28, 29 e 30 de Agosto; a 8 de Dezembro (Feira de Nossa Senhora da Conceição), etc. Tem mercados aos domingos e dias feriados e uma romaria bastante concorrida, com larga projecção em todo o Algarve, a de Nossa Senhora da Piedade. O feriado municipal é no 1.º de Maio.

Loulé é não só a mais bela vila do Algarve, como das mais belas e progressivas de todo o País.

## ARMAZÉM

Alaga-se, um amplo armazém numa rua paralela à Av. José da Costa Mealha.

Nesta redacção se informa.

## COFRE

Vende-se, modelo antigo mas em estado novo.

Nesta redacção se informa.

## Notícias pessoais

### ANIVERSARIOS

Fazem anos em Agosto:

Em 16, a menina Dina Maria Rodrigues Contreiras.

Em 17, as sr.ªs D. Maria Amélia Cativo Leonardo Ferreira e D. Maria Francisca Esteves e a menina Elvira Pereira Nunes, residente em Lisboa.

### PARTIDAS E CHEGADAS

—Acompanhada de seus filhos veio de Moçambique passar uma temporada na Metrópole a sr.ª D. Maria Catarina Pinto Medeiros Rocheta Cassiano, esposa do nosso prezado amigo sr. Eng.º Henrique Manuel Rocheta Cassiano.

Com sua esposa e filhos encontram-se a gozar as suas licenças em Quarteira, os nossos prezados amigos e conterrâneos, srs. Manuel Martins Seruca, e Dr. Francisco Ramos Seruca, respectivamente tesoureiro de Fazenda Pública em Viana do Castelo e médico veterinário em Vimioso.

Também na mesma praia está passando suas férias, acompanhado de sua esposa o nosso estimado assinante e amigo, sr. Dr. João dos Ramos Seruca, ilustre professor liceal do Porto.

Acompanhada de sua esposa sr.ª D. Alberta de Barros Gonçalves, encontra-se entre nós em gozo de licença, o nosso estimado amigo e conterrâneo sr. Gilberto da Ponte Gonçalves, funcionário do Ministério das Finanças, residente em Lisboa.

De regresso a sua casa, após ter passado uma temporada em Lisboa, já se encontra em Loulé a sr.ª D. Francisca Dias da Piedade Formosinho.

De visita a seus pais, encontra-se em Loulé o nosso prezado amigo e assinante sr. Dr. Orlando Rafael Pinto, acompanhado de suas filhas e esposa sr.ª D. Maria Eduarda Sá Pereira Pinto.

Em gozo de férias, está em Loulé, o nosso conterrâneo e prezado assinante sr. João Maria Martins da Silva, funcionário judicial em Lisboa.

De visita a sua família, esteve no Algarve com pouca demora, o nosso estimado colaborador e prezado amigo sr. Dr. Vergílio Passos, professor do ensino secundário em Odemira.

Com sua esposa, encontra-se na Quinta da Umrria (Loulé), o nosso estimado assinante e prezado amigo sr. Dr. Henrique Alberto Leote Cavaco.

Com sua família, está veraneando na Praia de Monte Gordo, o nosso prezado amigo e colaborador sr. Dr. Armando Cassiano, distinto professor de ensino liceal e Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Faro.

Acompanhado de sua irmã, sr.ª D. Ilda Viegas Olivá, seguiu em cura de águas para as Termas de Caldeas o sr. Tenente-Coronel Amadeu Viegas Olivá, nosso estimado assinante e prezado amigo.

A fim de festejarem as Bodas de Prata matrimoniais, deslocaram-se ao Santuário de Fátima, onde assistiram a uma Missa, o nosso prezado amigo e assinante e conceituado comerciante da nossa praça sr. Armando de Freitas Filho e sua esposa sr.ª D. Cândida Mendonça de Freitas Filho.

Em gozo de férias, encontra-se entre nós acompanhado de seus filhos e esposa, sr.ª D.ª D. Aura Laginha dos Ramos Guerreiro, o nosso estimado amigo e assinante na Ilha da Madeira sr. Eng.º Analide da Silva Guerreiro.

Encontra-se em Loulé em gozo de licença, o nosso prezado assinante sr. José Elias dos Santos Nunes, aspirante de finanças em Azambuja.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o nosso estimado amigo e assinante em Coimbra sr. Dr. Francisco de Sousa Inês.

## «Enquanto eu for vivo não haverá ciclismo em Loulé»

(Continuação da 1.ª página)

esforço em prol do renascimento do ciclismo loulétano!

Com afirmações deste teor conclui-se facilmente que quem manda no Loutetano é um dirigente crónico e não os seus sócios! Nesta parte, confirma-se a existência de razão aqueles que há muito tempo proclamavam essa ditadura clubista.

Não custa reconhecer o esforço que esse dirigente tem produzido pelo ciclismo loulétano, o que é para louvar. Mas ir além desse justo reconhecimento, proclamando-se tutor desse desporto, numa terra de 50.000 habitantes, parece-nos uma usurpação de poder.

Suponhamos que alguém mais se lembra de proclamar esta outra espanholada: «enquanto eu for vivo não haverá carnaval em Loulé!»

Enfim, simplesmente lamentável!

### Festival de Pista em Távira

Realiza-se esta tarde mais um festival de ciclismo na pista do Ginásio de Távira, com a colaboração de corredores de Lisboa, Távira e Loulé. Silvino Epifânio, do Sporting é a atracção do excelente programa de corridas.

## A NOSSA ESTANTE

### OS NOSSOS FILHOS

Os últimos números da Revista *Os nossos filhos*, que acabamos de receber, ocupam-se de assuntos do maior interesse para a saúde e educação das crianças. Entre eles, destacamos *Aspectos morais e religiosos do parto sem dor*, focados por Sua Santidade Pio XII, discurso magistral em que Sua Santidade se ocupa deste problema importantíssimo para todas as mulheres, e que *Os nossos filhos* publicou na íntegra nos seus números de Maio, Junho e Julho.

Crianças surdas, crianças de vista fraca, crianças que não querem comer. As crianças e o diabo, o alcoolismo, leituras para crianças, Teatro infantil, Problemas da Adolescência, etc., são alguns dos assuntos tratados nestes números, que, como de costume, inserem páginas de reportagens, entrevistas, inquéritos, de culinária, bordados, rendas, modas, etc.

Eis uma publicação que, sem dúvida, muito tem ajudado as Mães portuguesas a fazer de seus filhos Crianças saudáveis, alegres, felizes.

Redacção: Rua de Infantaria Dezassels 69-2. — Lisboa.

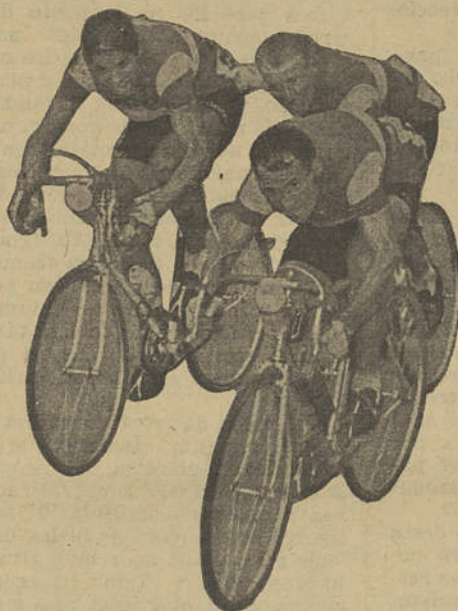
## HORTA

Vende-se uma horta, com árvores de fruta e muita água, casa de habitação e ramada, na Campina de Cima.

Nesta redacção se informa.

## Subscrição para o monumento ao Dr. Sr. Bernardo Lopes

Transporte . . . . .	27.577\$70
Adelino Fernandes Martins dos Santos—Loulé . . . . .	10\$00
Mário Floro Mendes Teresa—Loulé . . . . .	10\$00
José Apolo dos Santos—Loulé . . . . .	5\$00
Francisco Filipe—Loulé . . . . .	2\$50
José da Palma Mendonça—Loulé . . . . .	10\$00
Manuel Mestre—Loulé . . . . .	30\$00
José de Sousa—Cruz da Assomada . . . . .	30\$00
Filipe José Carracinha—Ferreira do Alentejo . . . . .	5\$00
Manuel Rosa—Arneiro—Salir . . . . .	2\$50
Joaquim Pedro—Reveres—Ameixial . . . . .	5\$00
D. Lidia Laginha Mestre—Loulé . . . . .	20\$00
D. Maria da Conceição L. Mestre—Loulé . . . . .	20\$00
António Bento das Neves—Argentina . . . . .	500\$00
A transportar . . . . .	28.227\$70



## UMA IMAGEM

## da última Volta à França em bicicleta

O «sprint» emocionante entre os 3 primeiros da etapa, na pista do estádio municipal de Bordeus.

«Emparedado» pelos italianos Padovan (à corda) e Baroni, vê-se o francês Darrigade a puxar pelos calções de Baroni, para se livrar da sanduíche feita pelos 2 adversários. Com este expediente Darrigade venceu a tirada. Baroni protestou junto do júri, Darrigade replicou e no fim esboçou-se um conflito entre os dois especialistas de chegadas. Estes e outros truques, em que os profissionais do ciclismo são useiros e vezeiros, têm dado lugar a desastres graves e cenas desagradáveis.

Como pormenor técnico repare-se nos quadros curtos, selins elevados, (semelhantes às máquinas de roda presa de pista) e os braços abertos para obstruírem a marcha dos adversários.

## SERVIÇO de automotoras

(Continuação da 1.ª página)

Disto se depreende que o serviço de automotoras já é deficiente e que portanto não corresponde à afluência de público. E o público está preferindo viajar de automotora porque reconhece que é mais cómodo, mais rápido e ainda porque o horário serve os seus interesses. Resta portanto a C. P. servir melhor o público pondo mais e melhores automotoras ao seu serviço.

Bem sabemos que a C. P. já por várias vezes tem posto um «atrelado» na automotora Vila Real Lisboa, mas parece-nos que é necessário que o faça sempre que a afluência de público o justifique.

Quere-nos parecer que, com um pouco de boa vontade seria fácil assegurar a todos os passageiros que pretendessem embarcar em Loulé, dada a curta distância que nos separa do entroncamento de Tunes onde logicamente deveria haver sempre um atrelado para acudir a qualquer emergência, no caso de também a automotora do ramal de Lagos seguir com a lotação esgotada.

Oralá a C. P. manifeste desejo de serviço melhor o Algarve.

## PEDRAGOSA Agradecimento

FRANCISCO ALEXANDRE DE SOUSA

Joaquina da Conceição Bota e demais família, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, por carencia de endereços e ilegitimidade de assinaturas, veem por este meio expressar os seus agradecimentos a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à última morada o seu saudoso marido e parente e bem assim a quantas, de qualquer forma manifestaram os seus sentimentos de pesar pelo infausto acontecimento.

## Écos de QUERENÇA

—Realiza-se nos próximos dias 15 e 16 de Agosto os tradicionais festas e feira em honra da Nossa Senhora de Assunção padroeira desta freguesia, de cujo programa constam as habituais cerimónias religiosas.

A noite haverá um curioso serão de arte, desempenhada por um grupo de amadores desta freguesia, em que serão apresentadas vários números de teatro, músicas regionais, acompanhados pelo artista de 15 anos, Manuel de Sousa Guerreiro.

—Os C. T. T. acabam de criar um serviço de distribuição diária de correspondência para vários sítios desta freguesia, o que causou grande regosio entre a população beneficiada.

—No sítio da Ponte da Tor, foi criado um Posto de Correio de 1.ª classe, por intermédio do qual já se podem mandar e receber cartas registadas, vales, amostras sem valor, etc., o que também agradou muito aos habitantes deste sítio.

—Encontram-se a passar as férias com suas famílias os estudantes universitários, sr.ª D. Maria do Carmo da Conceição Guerreiro Lical, Zélia Mariano Guerreiro, Maria do Carmo Contreiras Guerreiro, Laurete da Silva Paulino, Manuel dos Santos Mendes, Francisco José dos Santos Guerreiro, Gabriel Guerreiro, Eusébio Viegas da Silva, José Maria Afonso Guerreiro.

## Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva

Na próxima 3.ª feira, dia 13, pelas 22 horas esta popular filarmónica da nossa terra dará um concerto no coreto da Avenida José da Costa Mealha, sob a preciente regência do maestro seu regente sr. Virgílio Joaquim de Sousa Viegas.

No dia seguinte seguirá para Espanha a fim de abri-lhantar as festividades que se realizam em Lepe.

## Agradecimento Maria Francisca Barreiros

Sua família, profundamente grata a todas as pessoas que de qualquer forma lhe endereçaram sentimentos de pesar pelo falecimento da sua querida parente, se associaram ao seu desgosto, e tiveram a bondade de acompanhar a saudosa extinta à sua última morada, vem por este meio testemunhar-lhes publicamente o seu agradecimento, por o desconhecimento de endereços tornar impossível agradecer directamente.

Aproveita o ensejo para agradecer a todas as pessoas que se dignaram assistir às missas rezadas na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, por alma da querida extinta e de seu marido José Joaquim Barreiros, também recentemente falecido.

## YOGOURT

Medicamento - alimento de extraordinárias propriedades nutritivas e medicinais

Fabricado com o máximo esmero pela

COOPERATIVA ACRÍCOLA DOS PRODUTORES DE LEITE DE TAVIRA

À venda em LOULÉ na

«Cervejaria (Faz-tudo)»

PRAÇA DA REPÚBLICA